

A CRÔNICA de Rubem Braga

PINTE-SE

Mário Saladini é um doido, foi mexer com esse negócio de favela. Ele vai se arrepender: a crítica lhe cairá em cima, e as piadas choverão sobre sua cabeça.

O caso é que, sendo diretor municipal de Turismo, ele sente, como todos nós, que as favelas são um desgosto e uma vergonha na paisagem. Como não pode acabar com elas, teve a idéia de pintá-las. Ele mesmo diz: será a "miséria colorida".

Ainda não sabemos quais serão as cores escolhidas; sou a favor do verde, como o finado Marechal Floriano, e com um viva à República. Talvez o melhor fôsse camuflar, com pinturas de árvores e pedras: o turista olharia o morro e não perceberia os barracos. Nós também ficaríamos um pouco mais confortados: o que os olhos não vêem o coração não sente.

A hora é boa para que outros departamentos da Prefeitura também se voltem para as favelas. Não para acabar com elas; deixemos de ilusões. Para tratá-las como elas são, e minorar suas misérias. Abrir caminhos, limpar as ribanceiras, mandar água para cima, policiar e higienizar na medida do possível essas comunidades aéreas. Por que não construir instalações sanitárias e chuveiros no alto dos morros? Por que não manter lá em cima postos policiais que dêem garantia às famílias pacatas contra os desordeiros? Por que não iluminar os caminhos? Por que não tratar as favelas, enfim, como logradouros públicos que são, e melhorar dentro do possível suas condições de vida?

Bem, mas vamos começar pela pintura. O problema é negro; pintemo-lo. Goethe dizia que a cor é o esforço que a coisa faz para se tornar luz. Um dia, quem sabe, teremos os nossos morros transformados em arco-íris; e Deus nos perdoará a todos.